

Os provérbios no *Pranto de Maria Parda* de Gil Vicente.
María Josefa Postigo Aldeamil
Universidad Complutense de Madrid.

Depois de quase quinhentos anos, alguns passos do genial escritor português Gil Vicente permanecem ininteligíveis para o espectador e o leitor do século XXI e entre estes fragmentos obscuros que precisam de ser explicados encontram-se os provérbios.¹ Para o leitor de hoje que queira compreender o que diziam as personagens de Gil Vicente torna-se absolutamente necessário identificar e compreender o significado e sentido dos provérbios.

Sob o rótulo de provérbio -as parémias mais usuais na lengua-, entende-se uma fórmula, sentenciosa, completa, independente, breve, tida como de uso comum, que exprime, muitas vezes de modo metafórico, um pensamento, um preceito, uma regra moral ou social. As frases proverbiais são outro tipo de parémias, outro tipo de fórmulas diferentes em aspectos ideológicos e formais aos provérbios; o seu uso na língua tem o carácter de uma citação². Podemos encontrar em Gil Vicente, além disso, expressões com metáforas proverbiais e pseudo-provérbios. O *Pranto de Maria Parda* contém diferentes parémias: vários provérbios, uma frase proverbial y expressões com metáforas proverbiais; na nossa opinião esta obra de Gil Vicente não contém versos proverbializados ou pseudo-provérbios pois nos catorze microtextos que analisamos cremos ter encontrado a voz popular que originou o verso do poeta.

Os vicentistas valoram a mestria de Gil Vicente tanto no estilo culto como no estilo popular, mas reconhecem nele uma predisposição natural para o estilo popular³. No vasto repertório de obras vicentinas- produzidas entre 1502 (*Monólogo do Vaqueiro* ou *Visitação*) e 1536 (*Floresta de Enganos*)-, encontramos costumes, superstições, provérbios, contos, romances etc., material folclórico espalhado que mostra que no teatro vicentino, tal como no teatro clássico espanhol, os elementos populares e tradicionais se integram na literatura. Tem sido, não obstante, os elementos do estilo popular de Gil Vicente os menos estudados.

Nestas trovas vicentinas, que atingem um total de 369 versos, encontramos vestígios de parémias. O estudo sistematizado, de uma perspectiva paremiológica, de estes microtextos em português e em espanhol inseridos na segunda parte do *Pranto de Maria Parda*, na parte denominada *diálogo*⁴, trata de iniciar um difícil caminho de aproximação à obra completa de Gil Vicente relativamente a este tipo de material que com o transcurso do tempo perdeu inteligibilidade. Por tudo isto o nosso propósito neste trabalho é, primeiro identificar e depois dar a significação literal e figurada das parémias no nível de língua, deixando para tratar noutra trabalho estas parémias ao nível de fala onde será explicado o sentido de acordo com o contexto e a situação; analisar-se-ão neste trabalho, alguns aspectos a partir do corpus inicial: língua dos provérbios e cantares proverbializados.

¹ Ao longo da história diferentes autoridades têm empregado e preferido, segundo a época, outros termos usados como sinónimo de provérbio: Adágio (A. Delicado, B. Pereira, L. Batalha, T. Braga), anéxim (F. Manuel de Melo), rifão (P. Chaves), etc. Para os aspectos referidos veja-se M. de Sousa Carrusca, "História e sinonímia da sabedoria das nações" em *Vozes da Sabedoria*. Lisboa, União Gráfica, 1974-1977, Vol. I pp. 3-33.

² "En la mayoría de los casos, lo que se ha convertido en frase proverbial es un dicho o un texto que se hizo famoso por el acontecimiento histórico que le dió origen..., por la anécdota real o imaginaria, a que se refiere, o bien por la persona o personaje a quien se atribuye el dicho o que figura en él como agente o paciente" (Julio Casares, *Introducción a la Lexicografía Moderna*, p.189)

³ Veja-se, sobretudo, S. Reckert, *Gil Vicente: Espíritu y Letra*, Madrid: Gredos, 1977, p.144.

⁴ Cf., Margarida Vieira Mendes, *Maria Parda*, Lisboa, Quimera, 1988, pp. 8-10.

1. Problemas em torno à identificação das parémias.

Examinada a abundante bibliografia vicentina⁵, verificamos que são poucos os trabalhos acerca da peça, e escassas e tímidas as menções ao *Pranto de Maria Parda* em estudos vicentinos de conjunto. O *Pranto de Maria Parda* é a peça de Gil Vicente com maior percentagem de parémias. No glossário da edição das obras de Gil Vicente junta Mendes dos Remédios uma colecção de 44 ditados. Teófilo Braga em "Adagiário Português" na secção "Anexins tirados de Gil Vicente"⁶ reúne 51 adágios. De igual modo no *Glossário* da edição das obras de Gil Vicente publicada por Lello & Irmão Editores no epígrafe "Ditados empregados por Gil Vicente" assinalam-se 6 no *Pranto de Maria Parda*. Embora não estude esta peça, Aubrey Bell em *Four plays*, insere um capítulo com Provérbios especificando 7 em *Maria Parda*. E Virginia Joiner y Eunice J. Gates⁷ apontam 6 no nosso texto. Estudar o conjunto paremiográfico das obras vicentinas resulta labor ambicioso para um artigo, necessariamente limitado, de revista conforme acontece com o estudo citado de Virginia Joiner y Eunice J. Gates e a investigação da minha autoria "Contribución al estudio de los refranes de Gil Vicente"⁸.

Os dados oferecidos por T. Braga, Mendes dos Remédios, A. Bell, remetem-nos aos provérbios como unidades de língua⁹, aqueles registados nos repertórios ou colecções de provérbios. Mas é preciso ir mais além e observar detidamente certas partes dos textos que as edições críticas deveriam comentar e que, eventualmente, podem remeter-nos a provérbios; pretendemos empreender a difícil tarefa de reconhecer um número superior aos provérbios detectados à simples vista, aumentando a lista dos registados num primeiro balanço. Nos nossos dias encontramos dificuldade para os reconhecer, principalmente devido às mutilações e às modificações dos mesmos.

Essa dificuldade não devia existir para o receptor coetâneo de Gil Vicente. Os textos sentenciosos eram tão do domínio comum, eram tão conhecidos do público, estavam tão institucionalizados que tão só mencionar uma parte, se evocava a unidade inteira. No *Pranto* temos exemplos deste tipo- que mais adiante indicaremos-, em que o provérbio aparece truncado. Por ter experimentado esta dificuldade de identificação e a posterior descoberta referimos um exemplo que mostra a utilidade de este tipo de trabalhos para a profunda compreensão do texto. O verso, "isso hé quem porcos há menos" que a moça diz no começo do *Auto da India* é parte do provérbio que Lusitânia no auto do mesmo nome profere íntegro; além disso o próverbio "Quem a porcos acha a menos/ em cada moita lhe roncam" está incluído no repertório de Delicado¹⁰ e significa

⁵ Constantin C. Stathatos, *A Gil Vicente Bibliography (1940-1975)* Grant & Cutler Ltd. Londres, 1980; (1975-1995) Bethlehem: Lehigh University Press/London: Associated University Presses, 1997; (1995-2000) Kassel. Edition Reichenberger, 2001.

⁶ *Revista Lusitana*, Vol. 19, 1915.

⁷ "Proverbs in Gil Vicente" *Publication of the modern Language Association of America*, Vol. LVII, 1942, pp. 57-73.

⁸ *Actas del I Congreso Internacional de Paremiología (Homenaje al Prof. Pedro Peira Soberón)*. Paremia 6. Madrid, 1997, p. 499-504.

⁹ "Los refranes son, pues, el resultado de un proceso diacrónico de repetición y reproducción de productos de habla en una forma dada, hasta institucionalizarse como unidades de lengua", in: Pedro Peira, "Notas sobre la lengua de los refranes" *Homenaje a Alonso Zamora Vicente I*, Madrid: Castalia, 1988, p. 482.

¹⁰ Antonio Delicado *Adágios Portugueses Reduzidos a Lugares Comunes* Lisboa, na officina de Domingos Lopes Rosa, 1651 reeditada em 1923 por Luís Chaves. Cito pela edição antiga, de 1651 de que há um exemplar na Biblioteca Nacional de Madrid. Incluem-no, com ou sem variantes ("Quem a porcos ha medo, as moitas lhe roncam"; "Kien puerkos á menos, grüñenle en kada seto"; "quem porcos ha menos, en cada mouta le roncaon"; etc.), os principais repertórios antigos peninsulares.

que sem motivo se receia de tudo. Quando há uns anos o professor Denis Canellas e eu traduzimos em espanhol o *Auto da Índia*¹¹ ainda não tínhamos localizado o texto como provérbio e essa tradução (“no troquéis lo cierto por lo dudoso”), à luz deste dado, precisa ser alterada.

2. Os provérbios identificados nas colecções de repertórios.

2.1. Por serem o espanhol e o português línguas muito afins e porque no início do século XVI estas línguas e culturas estavam muito próximas, para identificar e explicar os provérbios utilizamos subsídios comuns ao português e ao espanhol. Ao longo do artigo remetemos a diferentes obras recopilatórias de provérbios que referimos abreviadamente pelo nome do colector.¹²

Numa primeira busca extraímos os oito provérbios que se seguem. Reconhecem-se facilmente; ya foram identificados anteriormente e encontram-se nas colecções antigas e/ou modernas quase sem variações. Damos seguidamente a relação e a referência¹³.

“una cosa piensa el bayo/ y otra quien lo ensilla”. (*VicenteParda*, 147).

“quién su yegua mal pea,/ aunque nunca más la vea/él se la quiso perder”.(*VicenteParda*, 151).

“em tempo de figos/não há i nenhuns amigos” (*VicenteParda*, 164).

“bem passa de goloso/ o que come o que não tem”. (*VicenteParda*, 168).

“nos ninhos d' ora a um ano/não há pássaros ogano”. (*VicenteParda*, 182).

“quem quer fogo busque a lenha” (*VicenteParda*, 209).

“quem quiser comer comigo/ traga em que se assentar” (*VicenteParda*, 215).

“quem muito pede, mana minha, muito fede”. (*VicenteParda*, 230).

2.2. Certa dificuldade temos em reconhecer e identificar como tal as fórmulas em que aparece uma parte do provérbio, isto é, o processo de mutilação que anteriormente referimos. Encontramos esta mesma mutilação nos versos seguintes:

“agora tem vez a guarda/ e a raia no Avento”. (*VicenteParda*, 134).

Bento Pereira recolhe, “Tudo tem seu tempo e a arraia no Advento” e a correspondência latina, “Est rerum omnium vicissitudo”. Tudo tem o seu momento oportuno; por isso devemos ser pacientes e aguardar o bom momento. A intervenção da Vizcaína dá voz ao sentido comum: Não é tempo de festa, de diversão, de prazer mas de aprovisionamento.

11 *Auto da Índia de Gil Vicente*. Traducción de M^a Josefa Postigo Aldeamil y Denis M. Canellas de Castro Duarte. Madrid, Universidad Complutense, 1984.

12 Além da da recompilação de Delicado tivemos em conta no trabalho os seguintes repertórios: Iñigo López de Mendoza, Marqués de Santillana, *Refranes que dizem las viejas tras el fuego* em edição de Hugo Oscar Bizzarri. Kassel, Edition Reichenberger, 1995. (abreviatura: Santillana).

Henán Núñez colecciona os provérbios por línguas. A primeira edição foi impressa em Salamanca em 1555 Cito pela edição de Santiago Alfonso López Navia, "El repertorio gallego-portugués del refranero del comendador Hernán Núñez (1555)" em *Revista de Filología Románica* V, 1987-88, pp. 125-182. (abreviatura: H. Núñez.).

Para a recompilação de Gonzalo Correas utilizámos a edição de Louis Combet, Gonzalo Correas, *Vocabulario de refranes y frases proverbiales* (1627). Bordeaux: Publications de l'Institut d' Etudes Ibériques et Ibéro-Américaines de l'Université, 1967. (abreviatura: Correas).

Foi de grande ajuda para identificar e explicar os provérbios a consulta da colecção com equivalências em latim de Benedicto Pereyra, *Prosodia in Vocabularium Bilingue, latinum et lusitanum*. Eborae, MDXCVII. (Embora a primeira edição da obra de Bento Pereira deva ser mais antiga (1655?).

Utilizámos ocasionalmente Rafael Bluteau, *Vocabulario portuguez e latino* Lisboa 1712-1718.

¹³ Citamos os versos de acordo com a edição mais recente: *La Plainte de Maria la Noiraude* (*Pranto de Maria Parda*) édition critique, introduction, traduction française & notes de Paul Teyssier de 1995 (Editions Chandeigne). Outros editores desta peça, afora os editores das obras completas, têm sido L. Stegagno Picchi e Sebastião Pestana. A confrontação do texto vicentino na cópia Palha e a compilação de 1562 foi feita por Anselmo Braamcamp Freire.

Também resulta difícil reconhecer o provérbio correspondente aos versos:

“eu não m’ hei de fiar/ de mula com matadura” (*VicenteParda, 188*) análogo a “Mula con matadura, ni cevada ni herradura” nos repertórios de H. Núñez e Correas. H. Núñez (entre os castelhanos), “Quiere dezir: dexarla holgar en el establo, y hartarla de paja, y no herrarla”¹⁴; e em Correas, “Mula kon matadura, ni zevada ni herradura. Ke no se le dé ni hierre, sino echarla al prado, i en kasa hartalla de paxa i salvado hasta que sane”¹⁵; encontramos em Delicado o provérbio: “A mula com matadura, nem cevada nem ferradura”. Matadura é ferida ou chaga no lombo das cavalgadas produzida pela sela ou outros arreios.

2.3. Significação. Regras de vida estão contidas nos provérbios escolhidos por Gil Vicente. Os diferentes taberneiros encarnam traços colectivos do grupo e recusando dar o vinho fiado que lhes pede Maria Parda, respondem com provérbios que traduzem a sabedoria popular: cada coisa a seu tempo, nada se consegue sem esforço, aquele que pede com frequência, é inoportuno. São propostas, receitas e conselhos de comportamento, ditados pelo senso comum. Nas mãos de Gil Vicente este material, pertencente ao código ético oral, apresenta-se, como vimos, de muito variadas formas.

Os provérbios identificados são dez; aos quais acrescentamos a frase proverbial: “Muita água há em Boratém” (*VicenteParda, 170*)¹⁶. A solução para matar a sede de Maria Parda encontra-se, segundo Blanca Leda, em beber a água que não custa e que devia ser abundante no lugar mencionado.

Como já assinalámos, ao adaptar-se ao texto e ao espectáculo o provérbio pode apresentar-se mais ou menos alterado com acrescentamentos (nenhuns, minha mana, etc.) ou mutilações; a seguir damos a lista, respeitando a ordem alfabética, dos provérbios na sua forma canónica, como aparecem nos repertórios, como unidades de língua. As colecções paremiográficas portuguesas apresentam bastantes deficiências; é quase nula a existência de obras que acompanhem as parémias de uma explicação sobre o seu significado. Defino o significado literal e/ou figurado depois de consultas a repertórios e dicionários portugueses e espanhóis prestando especial atenção às acepções do provérbio de acordo com a língua e a época. O significado provisório dos três microtextos ainda sem localizar em repertórios ou autoridades encontra-se definido nos apartados correspondentes (3.4; 3.5; 4); não os podemos integrar aqui pois o termo provérbio designava e designa qualquer expressão tida como de uso comum.

- “A mula com matadura, nem cevada nem ferradura”¹⁷.

Sentido figurado: <Aproveita a prudência em adaptar-se às circunstâncias e ao mesmo tempo medindo nelas as vantagens e desvantagens. Convém ter paciência e esperar o momento oportuno para actuar >.

- “Bem passa de goloso o que come o que não tem”¹⁸.

¹⁴ (f. 79v)

¹⁵ Correas, p. 562.

¹⁶ Está registado na lista de provérbios na nova edição digital *Gil Vicente-Todas as obras* (Disco Compacto) Biblioteca Virtual dos Descobrimientos Portugueses. Lisboa, 2002. Pela tipologia parece-nos uma frase proverbial. Carolina Michaëlis de Vasconcelos in *Notas Vicentinas* interroga-se: “¿Onde estará esta localidade, cuja água (abundante ou escasa? ¿turva ou límpida?) era proverbial? Provavelmente dentro da capital.” (p. 385) e P. Teyssier diz: “Le puits de Boratém était situé, dit-on, dans la Mouraria.” (p. 39).

¹⁷ H. Núñez formula-o em castelano: “Mula con matadura, ni cevada ni herradura; Delicado: “A mula com matadura, nem cevada nem ferradura”.

¹⁸ Em *Seniloquium* “Asás es goloso quien come lo que non tiene”, (edic. Combet, *Recherches sur le “Refranero” castillan*. Paris 1971, p. 463; em Correas: Akel es goloso ke kome lo ke no tiene.

Sentido figurado: <Só se pode comer o que se pode pagar. Há que contentar-se com aquilo que se tem.>

-“Em tempo de figos, não há amigos”

Sentido figurado:<Em tempo de prosperidade ou fortuna esquecem-se os amigos>. ¹⁹

-“Nos ninhos d' ora a um ano, não há pássaros ogano”.

Significado literal: < Nos ninhos do ano passado não há pássaros hoje

Sentido figurado: < Explica terem sido inteiramente vãs as esperanças daquilo que se pretende o se procura. Alude à instabilidade das coisas terrenas.>

-“Quem muito pede, muito fede”. ²⁰

Sentido figurado:< Aquele que pede é inoportuno por maçador.>

-“Quem quer fogo, busque a lenha”

Sentido figurado:< Manifesta que para conseguir o que se deseja é necessário passar trabalhos e diligências. Nada se consegue sem esforço.>

-“Quem quiser comer comigo, traga em que se assentar”

Sentido figurado:< Quem quiser atingir uma finalidade, tem que pensar antes os meios que lhe permitem lá chegar. Nada se consegue sem esforço.>

- “Quem sua burra mal apea, nunca a vea. ²¹

Significado literal: <deve perder o seu animal aquele que não executa bem o trabalho de o prender com cordas para que não saia do sítio.

Sentido figurado: <dá a entender que aquele que não conserva e cuida as suas riquezas merece perdê-las. >

-“Tudo tem seu tempo e a arraia no Advento” ²²

Sentido figurado:<Aconselha a adaptar-se às circunstâncias e ao momento.>

-“Una cosa piensa el bayo, y otra quien lo ensilla”.

Significado literal: <Enquanto uma pessoa cuida do cavalo, outra aproveita a ocasião para lhe colocar a sela.>

Sentido figurado: <Do descuido dos parvos se aproveitam os espertos.>

3. As expressões proverbiais não identificadas em repertórios.

3.1. O feito de que determinada fórmula não tenha sido reconhecida ainda ou que, inclusivamente, não se encontre recolhida em repertórios, não quer dizer que não pertença à categoria de provérbio. Razões há que nos levam a considerar certas expressões como provérbios.

3.2. A primeira razão que aduzimos, para ampliar o número inicial, refere-se à perfeita estruturação da peça, onde não parece que Gil Vicente deixe nada ao acaso e

¹⁹ Em Bento Pereira. (p. 58).

²⁰ Delicado: “Quem muito pede e muito bebe, a sy danna e a outro fede”; Pereira “Quem muito pede, muito fede”. (*Importunus erit, crebo quicumque rogavit*).

²¹ Pelas razões expostas mais abaixo formula-se em português.

²² Pereira: “Est rerum omnium vicissitudo”.

onde tudo parece estar medido de maneira que cada um dos seis taberneiros possa ter direito a utilizar um par de expressões ou microtextos com a mesma função de um provérbio.

3.3. No *Pranto* há casos em que o provérbio se integra no diálogo de forma inesperada, se bem que em certos casos apareça precedido de marcas de inserção que assinalam o seu estatuto de provérbio. Os exemplos do nosso texto mostram uma variedade de formas que autenticam o provérbio. Algumas formas (dizem...) apontam para a sua inserção no domínio colectivo, o que reforça a sua transmissão oral:

“Dizem lá que não é tempo/ de pousar o cu ao vento” afirma a Biscainha; “Olhade, molher de bem,/dizem que em tempo de figos não há i nenhuns amigos”. diz Branca Leda. Por vezes a introdução ao provérbio consta de uma indicação metalingüística que anuncia o próprio provérbio (exemplo, verso): “Exemplo é, molher honrada, que nos ninhos d’ ora a um ano/ não ha pássaros ogano” diz João de Lumiar. Noutras ocorrências, a indicação metalingüística é acompanhada por adjectivos que fazem referência à antiguidade e à tradição (dioso, antigo, acostumado) :

“E diz o enxemplo dioso,/Que bem passa de guloso/ o que come o que não tem”

“Pois diz outro exemplo antigo: quem quiser comer comigo traga em que se assentar”

“Diz hum verso acostumado: quem quer fogo busque a lenha”

Às vezes ao comentário são incorporados nomes históricos considerados no imaginário popular de grande prestígio. Assim na intervenção de João Cavaleiro “Amiga, dizem por villa/ um enxemplo de Pelayo que una cosa piensa el bayo y otra quien lo ensilla.” alude-se ao iniciador da Reconquista Cristã da Península Ibérica. E Falula, a última personagem que se dirige a Maria Parda: “Diz Nabucodonosor, no Sideraque e Miseraque: Aquele que da grão traque,/ atravesse-o no salvaror.

Os referidos comentários metalingüísticos são indícios de que o microtexto é realmente provérbio mas, vamos a crer e admitir só por isso que nestes casos estamos realmente ante provérbios? Problema de difícil solução porque não podemos imaginar que Gil Vicente quisesse enganar os espectadores mas a dificuldade de entender o sentido das palavras do microtexto ou o jogo lúdico a que nos tem acostumados fazem-nos duvidar. Inclino-nos por pensar que Gil Vicente respeita esta convenção de maneira que a par das expressões introdutórias que reforçam o seu estatuto teria colocado um provérbio mais ou menos mascarado.

3.4. Apesar de se acompanhar de marca identificadora, até hoje não encontramos documentada a primeira unidade paremiológica que aparece no *Pranto*:

“Dizem lá que não é tempo/ de pousar o cu ao vento”. (*VicenteParda,131*)

Contudo não podemos pôr de lado que em tempo de Gil Vicente fosse de uso comum e corrente esta expressão. Realmente não sabemos se se trata de um provérbio ou de uma invenção de Gil Vicente. Uma parte poderia ser invenção de Vicente e outra parte pertencer a um provérbio que ainda não se conseguiu localizar.

Relacionamos estes versos com a festividade popular de São Martinho, 11 de Novembro, festividade de arraigamento pre-cristão e rito pagão, que se celebrava com um tipo de festa carnavalesca; tinha-se presente o fim da metade luminosa do ano e procedia-se, antes do inverno, à provisão de alimentos; o mês de noviembre, que se converte com o cristianismo em tempo de advento, era de reflexão e de previsão. A intervenção da biscainha alude a este tempo de guardar, de armazenar e não de abstenção como interpretam os anteriores editores do *Pranto*. A voz *guarda* é usada aqui na sua acepção de armazenamento. Não encontramos por parte dos estudiosos vicentinos dados que nos esclareçam a situação e a função do *Pranto*. Na nossa opinião

a peça poderia ter sido composta para celebrar S. Martinho, festa de carácter festivo e colectivo. Margarida Vieira Mendes enumera algumas festas cíclicas e entre elas refere-se à de S. Martinho²³.

Também não identificámos o seguinte microtexto, com marca identificadora, nos repertórios.

–“Diz Nabucodonosor, no Sideraque e Miseraque: Aquele que da grão traque,/ atravesse-
o no salvaror” (*VicenteParda*, 228).

As duas palavras sobre as quais se articulam os versos são “traque” e “salvanor”. A palavra “traque”, que aparece mais uma vez no *Pranto* com a mesma acepção, encontra-se documentada em Lucas Fernández e outras autoridades na acepção de “Ventosidad con ruido”²⁴. Também se recolhe no *Dictionarium Lusitanico- Latinum* coleccionado por A. Barbosa (Braga, 1611) onde “Traque” corresponde a “Crepitus ventris”. Talvez também no tempo de Vicente e no ocidente peninsular tivesse a acepção de “Estallido o ruido que da el cohete” como aponta Hugo Oscar Bizzarri²⁵ para Santillana. A voz sobre a qual se apoia “salvanor” equivalia a “trasero, culo o asentadero de las personas” mas también tinha a acepção: “Com o devido respeito” (A. de Morais Silva).

Para elaborar os versos do segundo microtexto da intervenção mais escatológica da peça, cremos que Gil Vicente teve em mente uma das variantes em circulação de um antigo provérbio, recolhido nos repertórios peninsulares. Santillana regista: “Más vale traque que Dios vos salve” com a glosa “Más aprovechan pequeñas obras que largas palabras”; H. Núñez : “Mas vale taque taque, que Dios os salve”; Correas: “Más vale take take ke Dios os salve “. Glosa Correas: “Ke la puerta está zerrada. Take take, por los golpes del ke llama; Dios os salve: la salutación ke haze el ke entra. Otros varían: Más vale trake, trake, o trape trape”²⁶.

A mensagem que Gil Vicente põe em boca de Falula, o tipo pertencente à tradição folclórica e que se compraz no léxico dos excrementos é polissémico. A intervenção total e claramente escatológica pode ter uma leitura proverbial. Trata-se de uns versos em que adivinhamos um provérbio alterado formalmente na sua estrutura mas com idêntica metáfora proverbial. Neste caso evoca o provérbio na sua forma canónica e dá outro sentido às mesmas palavras.

4. Provérbios provenientes de canções.

Martim Alho, tipo proveniente da tradição popular, profere três expressões proverbiais das quais duas, como vimos, se encontram nos repertórios. As seguintes reflexões vão encaminhadas a identificar, justificar e esclarecer a única unidade fraseológica não identificada de esta intervenção singular em que aparentemente são três e não duas como está estabelecido para cada interveniente do diálogo com Maria Parda:

“seu dono d' acenha/ apela de dar fiado” (*VicenteParda*, 210).

O facto de que fórmulas como “*quem quer fogo busque a lenha*” e “*quem quiser comer comigo/ traga em que se assentar*” se achem recolhidas em colecções de

²³ “...festa que inaugurava o inverno na antiga liturgia moçárabe, anterior a Gil Vicente: aparece o vinho novo, festejado por vezes com cortejos de bêbedos; na véspera era decidido pela Câmara de Lisboa o preço da venda do vinho nas tabernas (pelo menos nos séc. XVI e XVII)” (op. cit. p. 17)

²⁴ Real Academia Española. Banco de datos del Español (CORDE)

²⁵ Regista o provérbio na entrada 431 e no glossário selecto define a palavra “traque” de acordo com o *Diccionario de Autoridades*, primeiro dicionário realizado pela *Real Academia Española*, como “Estallido o ruido que da el cohete”

²⁶ Correas, p. 541.

provérbios modernas²⁷ garante plenamente o seu carácter de provérbio na actualidade; contudo estes não estão recolhidos na mais antiga colecção portuguesa contida em *Refranes o proverbios en romance* de Hernán Núñez (1555), nem entre os provérbios incorporados ao *Dictionarium Lusitanico-Latinum* de Agostinho Barbosa (1611), e tão-pouco no primeiro repertório exclusivamente português coleccionado por A. Delicado (1651). Gil Vicente deve ter transplantado a voz de primeira pessoa a herança tradicional e a partir de esse momento começou a circular. Partimos da ideia de que as coincidências em certas manifestações populares e o teatro vicentino são fruto de um substrato comum. Mas, poderíamos considerar Gil Vicente- que se nutre das fontes da tradição oral- como fornecedor da tradição oral.²⁸

A presença do antigo folklore no texto vicentino manifesta-se de múltiplas maneiras: Motivos como o do conto de Domingos Ovelhas incorporado na *Farsa de Inês Pereira*, passando por romances, cantares e provérbios. Na mesma *Farsa Inês*, a protagonista, canta “esta cantiga: “Quem bem tem e mal escolhe/por mal que lhe venha não s’ anoje””; já recolhido como provérbio pelo Marquês de Santillana na forma castelhana “Quien bien tiene y mal escoge, por mal que se venga no se enoje. O refrán-cantar tem, curiosamente, uma melodia numa peça de Mateo Flecha el Viejo, então ao serviço de Carlos V. Muitos provérbios originaram-se a partir de uma canção e viceversa e da mesma maneira ocorre com os pequenos contos e outros materiais folclóricos; inclinamo-nos a pensar que a voz verso²⁹ equivale aqui a pequeno cantar³⁰. Não obstante, cotejados os trabalhos de M. Frenk Alatorre³¹ não encontramos referências que nos conduzam ao cantar ou cantares com o qual/ os quais, segundo julgamos, estão aparentados os dois microtextos; “seu dono d’ acenha/ apela de dar fiado” teria o mesmo significado que os dois provérbios com que partilha a estrofa.

Os dados apontados convidam a considerar que a intervenção de Martim Alho seria cantada.

5. Língua dos provérbios. Panhispanismo.

Como é conhecido no século XVI a corte portuguesa era bilingue. O português culto conhecia e falava, por prestígio, a língua espanhola, e boa prova disso é a actividade do nosso autor. O bilinguismo está presente no *Pranto de Maria Parda*. Com nome aporuguesado mas falando em castelhano João Cavaleiro pronuncia dois provérbios:

“¡Que una cosa piensa el bayo/ y otra quien lo ensilla” e “Quien su yegoa mal pea,/ aunque nunca más la vea,/

Por razões de verosimilhança é natural que o castelhano, tipo tradicional, fale na sua língua nativa. Muitos trabalhos têm tentado explicar as razões pelas quais as personagens das peças utilizam profusamente o castelhano. As línguas usadas pelas personagens eram

²⁷Chaves, *Rifoneiro Português* “Quem quer fogo, busque a lenha” (p.237) y “Quem quiser comigo estar (ou “Comer comigo”) traga em que se assentar”, (p. 238)

²⁸ Manuel da Costa Fontes no artigo “*El Falso Hortelano*: um romance ‘Vicentino’ entre os sefarditas do mediterrâneo oriental”, referindo-se à *Tragicomédia de Dom Durados* diz: “Com um total de quatro romances derivados desta sua comédia, Gil Vicente é um dos poucos autores cultos cuja obra recebeu a honra de ser aceite e transmitida anónimamente pelo povo, tal como se fosse originalmente popular” em *Actas do 1º Encontro sobre cultura popular (Homenagem ao Prof. Doctor Manuel Viegas Guerreiro)*.Universidade dos Açores. Ponta Delgada, 1999. p. 89.

²⁹ “São muitas, como bem se sabe, as expressões que designam *provérbio*. Uma delas, não muito conhecida porém, temo-la em *verso*, usada por Gil Vicente,...” J. Leite de Vasconcelos, *Opúsculos (Vol.7, Etnologia)*, Imprensa Nacional de Lisboa, 1938. p.734.

³⁰ “Diz hum verso acostumado: / quem quer fogo busque a lenha”/ e mais: “seu dono d’ acenha/ apela de dar fiado”.

³¹ “Refranes cantados y cantares proverbializados”, *Nueva Revista de Filología Hispánica*, XV. 1961. pp.155-168. *Corpus de la antigua lírica popular hispánica: (siglos XV a XVII)*. Madrid, Castalia, 1987.

determinadas entre outros por motivos estilísticos e escénicos, pela pátria dos actores, por tradição literária de temas ou géneros ou por considerações de cortesia – a nacionalidade das esposas do rei D. Manuel e D. João Terceiro. No seu artigo “El bilingüismo en Gil Vicente”³² Albin Eduard Beau, não encontra princípios rigorosamente observados y conseqüentemente aplicados pelo poeta no uso dos dois idiomas.

O primeiro provérbio deu lugar a muitos estudos em relação às suas variantes, significados e língua original. Robert Ricard³³ estuda as variantes e o uso deste provérbio em autores hispânicos e defende que o provérbio “Que una cosa piensa el bayo/ y otra quien lo ensilla” tem sido considerado castelhano (encontra-se em Santillana) quando também temos fontes antigas em português. Ricard traz o testemunho de a *Chonica do Condestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira* “all cuyda o bayo: e al quem no sella” Sem dúvida considerava-se castelhano no século XVI como atesta o uso em espanhol em Vicente e em Ferreira de Vasconcelos no interior de um texto português. Henan Núñez (1555) também o regista entre os provérbios castelhanos e mais tarde recolhe-o Bento Pereira em espanhol oculto entre uma maioria de provérbios em português e a par da equivalência latina: “Multa cadunt inter calicem supremaque labra”³⁴

Correas (“Uno piensa el vaio, i otro el ke le ensilla”, p.180) adverte-nos sobre o seu correcto sentido: é diferente o modo de pensar dos que mandam e daqueles que obedecem. Contudo, ao entender o primeiro verbo como equivalente a “dar o penso” e de “atender, ocupar-se de” deu-se outro sentido ao provérbio; literalmente significaria que enquanto uma pessoa cuida do cavalo, outra aproveita a ocasião para lhe pôr a sela e em sentido figurado do descuido dos tontos se aproveitam os espertos.

Juan de Valdés contemporâneo de Gil Vicente diz no *Diálogo de la Lengua* “Dezimos pensar por cogitare, y también pensar por gobernar las bestias. De donde nació la simpleza del vizcaino, que sirviendo a un escudero, porque tenía cargo de pensar el cavallo, no lo quería ensillar; preguntado por qué, dixo que porque avía oído un refrán que dezía: *Uno piensa el vayo y otro el que lo ensilla*”³⁵. Inclina-mos pelo significado e sentido de Valdés para o nosso texto.

O segundo provérbio em castelhano articula-se sobre o verbo *pear* que significa prender com cordas os animais para que não se saiam do sítio. Não está em Santillana e chama a atenção que seja mencionado por H. Núñez entre a lista de provérbios considerados portugueses: “Quem sua burra mal apea, nunca a vea. Quiere decir: meresce perderla y que no la vea más” (f. 103). Infelizmente falta a parte do manuscrito de Gonzalo Correas em que se devia encontrar este provérbio; a edição de L. Combet subsana esta lacuna ao ter em conta outros repertórios. Também em Delicado (p. 24): “Quem sua burra mal pea, nunca a veja”.

De acordo com as anteriores considerações existe a possibilidade de que os dois provérbios se pudessem ter posto a circular em português. Na nossa opinião certos provérbios não se circunscrevem a um único sistema mas representam hábitos linguísticos e culturais comuns. Os dois provérbios, na boca de João Cavaleiro, permitem-nos falar de provérbios panhispânicos, pertencentes a um património comum do ocidente peninsular.

³² *Studia Philologica. Homenaje ofrecido a Dámaso Alonso por sus amigos y discípulos con ocasión de su 60º aniversario*. Madrid, Gredos, 1960. pp. 217-224.

³³ Em “Uno piensa el bayo...Hommage à l’editeur de la Tragicomedia de Don Duardos” *Studia Philologica. Homenaje ofrecido a Dámaso Alonso por sus amigos y discípulos con ocasión de su 60º aniversario*. III Madrid, Gredos, 1960. pp. 155-160.

³⁴ Prosodia in *Vocabularium Bilingue, Latinum e Lusitanum*. 7ª ed. Évora, 1697. p. 72

³⁵ Edição de Juan M. Lope Blanch, Madrid, Castalia, 1978, pp. 138-139.

6. Após esta tentativa de renovação da visão da obra vicentina podemos resumir as conclusões, mais destacadas, verificadas e explicadas a partir do corpus analisado:

a) Prova de existência de Iberismo nos provérbios do *Pranto*. Também nos repertórios (B. Pereira inclui na lista, provérbios espanhóis ou em espanhol). b) Pequenos cantares populares que levados por Gil Vicente ao teatro começam a funcionar como provérbios. Proseguiremos nesta linha de investigação –a partir dos provérbios- para poder aceder a novas leituras do texto vicentino.